

00816/81

Unicidade - Gpms

COMERCIO DO PORTO (O) Porto	-2 SET. 1981
JORNAL DE ALMADA Almada	



RUI
AFONSO
CERNADAS

A UNIVERSIDADE EM PORTUGAL

201

O conhecimento dos males e dos circunstancialismos que afectam a Sociedade no seu todo, ou em algum dos seus segmentos, é um passo fundamental para a análise e a resolução dos problemas que a atingem.

Quando aquele conhecimento se limita a uma mera constatação, sem servir de base a um projecto de reformulação ou alteração, algo vai errado, podendo-se admitir que o caminho para a destruição, pela inibição ou inacção, começa nesse momento.

Vem isto a propósito da actual situação da Universidade Portuguesa.

Por um lado, porque o ano lectivo se aproxima do seu termo.

Por outro, porque se deve reflectir sobre o que o próximo ano escolar nos trará...

Estamos assim, em tempo de balanço universitário, pelo menos quanto a alguns dos seus aspectos. Um balanço que terá mais a ver com as condições da Universidade, com as suas perspectivas e futuro, do que com os resultados imediatos do aproveitamento dos seus estudantes.

Assiste-se diariamente por esse mundo fora, à degradação, à politização e à tentativa de aniquilação das Universidades, como meio de destruição nacional e de atentado às culturas tradicionalistas. Não surpreendeu pois que, também em Portugal, a Universidade sofresse diversos e ferozes ataques e se tornasse alvo preferido daqueles que o Povo Português entendeu já dever recusar!

A degradação pedagógica das nossas Universidades iniciou-se pela superlotação de alunos que, nalguns casos, impediu que de facto, o ensino superior, pudesse manter as suas reais características e nível.

Não se falará da infiltração de agentes sabotadores das estruturas académicas que, a coberto do número, puderam penetrar e permanecer no seu seio...

Vieram depois as paranóias revolucionárias, com os saneamentos e as perseguições, veículos de intimidação e de controlo de professores, pessoal técnico e auxiliar e estudantes.

Tentou-se, entretanto, impedir a liberdade de investigação científica e tecnológica, paralisando-a quase por completo.

Obteve-se o descrédito internacional de muitos dos diplomas emitidos pelas Faculdades Portuguesas.

A autonomia administrativa, financeira e pedagógica da Universidade foi claramente posta em cheque.

O espírito universitário, envergonhado pelas avaliações subjectivas, pelas passagens administrativas e

pelo medo covarde atingia um quase estado de demência!

Foi neste contexto que apareceu em 1976 o conhecido e discutido Decreto de Gestão Universitária, Dec.-Lei n.º 781 - A/76.

Resultava assim e basicamente de duas necessidades essenciais. A primeira, a de restabelecer o clima de seriedade, de ordem e de paz social, indispensáveis ao rendimento duma Universidade e, nomeadamente, através do reconhecimento e da restituição da autoridade aos novos órgãos dirigentes do ensino superior. A segunda, a de reduzir o potencial anarquizante e destruidor que a generalidade das Direcções das Associações de Estudantes, controladas ao tempo pela organização de juventude do PCP, representava para a sobrevivência física e pedagógica das Instituições Universitárias.

A verdade é que, este diploma legal, conseguiu repor não obstante muitas omissões e defeitos, um certo fio de tranquilidade. Foi também importante para a consolidação da Democracia nas Universidades, garantindo a liberdade de expressão e o respeito entre os vários corpos componentes da instituição e, estipulando a participação responsável de todos os segmentos sociais da Universidade na gestão da mesma.

Contudo, hoje, há que redimensionar este Decreto, adaptando-o às realidades da nova situação, corrigindo-o e melhorando-o.

Há também que criar reais condições de estímulo e atractivo à carreira docente universitária, sem o que se não poderá provocar o relançamento da investigação e a sua orientação, integrada numa sociedade em desenvolvimento, condicionada pelas mais diversas dificuldades económicas, financeiras e energéticas.

A recuperação pelos jovens universitários das velhas tradições e praxes académicas recorda um aspecto relevante na problemática universitária portuguesa:

- O da história e vivência da nossa velha Universidade.

Passado ilustre e digno, que se deve respeitar e de que nos devemos orgulhar!

E, por isso mesmo, o desejo, a alegria e o entusiasmo dos jovens académicos não devem, nem podem conduzir a levianos exageros ou a «modas novas».

Recuperar as praxes e as tradições dos «capas negras», sim!

Ridicularizá-las, não as sentir dentro de si ou carnalizá-las, não!

Se assim for, será preferível continuar a mantê-las como viva saudade!